

O URAGUAI
COMO FONTE: A
CONSTITUIÇÃO
DO MITO DE
SEPÉ TIARAJU

MARIA EUNICE
MOREIRA E
MAURO NICOLA
PÓVOAS

José Tiaraju, o Sepé, chefe guerreiro
defendendo o solo amado das Missões,
foi o primeiro dos caudilhos que nasceram
sob a glória deste sol...
Vargas Neto, “Sepé”

Entre os anos de 1753 e 1756, ocorreu, no território situado a oeste do atual estado do Rio Grande do Sul, o episódio que ficou conhecido na historiografia como a Guerra Guaranítica. Nesse evento, os exércitos português e espanhol digladiaram-se em uma luta contra os nativos, sendo o indígena Sepé Tiaraju, corregedor da comunidade de São Miguel, um dos líderes da reação indígena contra a desocupação dos Sete Povos das Missões, expressa no Tratado de Madrid, assinado em 13 de janeiro de 1750, mais exatamente no seguinte artigo, aquele que mais diretamente dizia respeito aos Guaranis, dentro da troca estabelecida pelas duas coroas ibéricas:

Art. XVI – Das povoações ou Aldeias que cede Sua Majestade Católica [da Espanha] na margem oriental do Uruguai, sairão os Missionários, com todos os móveis, e efeitos, levando consigo os Índios para aldear em outras terras da Espanha; e os referidos Índios poderão levar também todos os seus bens móveis e semoventes, e as Armas, Pólvora, e Munições, que tiverem em cuja forma se entregarão as Povoações à Coroa de Portugal, com todas as suas Casas, Igrejas e Edifícios e propriedade e posse do terreno.¹

Em registros históricos existentes sobre as ações decorrentes do desterramento dos povos indígenas determinado pelo Tratado de Madrid, pode-se confirmar a contrariedade de Sepé, embora sua atuação limite-se a alguns episódios. Em sua tese de doutorado, Eliana Inge Pritsch registra o reduzido espaço concedido a Sepé: “Levando-se em

1 ORNELLAS, Manoelito de. *Tiaraju*. Porto Alegre: Globo, 1945, p. 49.

consideração a documentação existente, percebe-se, ainda, que o espaço reservado a Sepé Tiaraju é bastante diminuto, pois o foco central desses relatos são as operações de guerra, as tratativas e outras considerações genéricas”.² Apesar dessa restrita presença, diz a mesma pesquisadora: “Sepé é um dos poucos índios nomeados nos textos. Começa a ficar evidente, desde então, um descompasso entre o espaço histórico e o espaço literário reservados ao capitão guarani”³.

Segundo ainda Pritsch, a ação do indígena manifesta-se em quatro momentos durante a Guerra Guaranítica: no confronto com a expedição de demarcadores na região de Santa Tecla, em 1753; nos ataques ao Forte de Rio Pardo, no ano de 1754; nas tratativas de trégua entre os indígenas e os portugueses, também em 1754; e na batalha de 1756, quando Sepé é ferido e morto.⁴

O fato é que, apesar do descompasso observado entre a história e a literatura, Sepé já aparece no poema de Basílio da Gama, *O Uruguai*, publicado em 1769, pouco mais de uma década após o fim da Guerra Guaranítica. A partir dessa epopeia, pode-se dizer que outras variantes entram em consideração, especialmente quando se observa a recepção do texto pelos leitores brasileiros.

Quando escreveu *O Uruguai*, Basílio da Gama vaticinou, no Canto quinto, que o poema teria uma boa recepção junto ao público: “Serás lido, Uruguai. Cubra os meus olhos/ Embora um dia a escura noite eterna”⁵. Apesar, porém, dessa determinação, *O Uruguai* não se afirmou como um texto privilegiado pelos leitores brasileiros e menos ainda pelos sul-rio-grandenses, pois embora a ação central do texto do século XVIII transcorra em terras do Rio Grande do Sul, a localização espacial da épica de Basílio não motivou a literatura gaúcha ao longo do século XIX.

Em *História literária do Rio Grande do Sul*, livro pioneiro publicado em 1924, João Pinto da Silva chamou a atenção para a ausência, em nossa história da literatura, de textos sobre feitos e façanhas dos heróis gaúchos:

O traço distintivo da nossa atividade literária, transcorrida a tormentosa fase de instintiva aquisição de elementos primários de

2 PRITSCH, Eliana Inge. *As vidas de Sepé*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004, p. 107. Tese (Doutorado em Letras).

3 Ibid., p. 107.

4 Ibid., p. 108.

5 GAMA, Basílio da. *O Uruguai*. In: TEIXEIRA, Ivan (Org.). *Multiclássicos: Épicos*. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008, p. 303.

cultura, devia ter sido, logicamente, o pendor para a evocação alegórica dos nossos heróis e das nossas vitórias. Isso, pelo menos, é que seria lógico e natural, dados os precedentes e tendências militares do povo rio-grandense, os seus hábitos de vida e a sua psicologia belicosa.⁶

No entanto, diz esse mesmo historiador que não foi o que ocorreu, pois não se “cantou a nossa gente, cheia das cicatrizes de golpes recebidos em mais de cem combates”,⁷ assim como não se discorreu sobre a terra onde se desenrolaram inúmeros atos de heroísmo. Surpreende, a João Pinto da Silva, “a ausência de espírito épico”,⁸ em trovas ou páginas avulsas da literatura sulina, sendo uma exceção o poema O Uruguai, que era, entretanto, de autoria de um mineiro, o qual aproveitou os acontecimentos militares ocorridos em solo rio-grandense. Anos mais tarde, quando escreveu *Letras da província*, Moysés Vellinho contestou a afirmativa de Pinto da Silva, lançando uma hipótese sobre a questão:

Desde cedo, a alma anônima do povo se prevalecia dos fugazes momentos de trégua que lhe eram permitidos, para recolher-se e tentar os primeiros arremedos de criação literária. [...] Sua graça e entono são inteiramente alheios ao ânimo guerreiro que esbraseava a atmosfera. E agora a interrogação: como explicar a ausência de traço épico nessas antigas coplas populares? João Ponto da Silva, que põe o fato em evidência pela primeira vez, limita-se a achá-lo estranho e paradoxal. Em vez disso, porém, ele não poderá ser interpretado como a expressão inconsciente de um sentimento que não se confessava, mas tendia, com a força do anonimato, à procura de um estado de plenitude subjetiva que a constância das guerras estava longe de propiciar?⁹

Apesar, porém, das opiniões contraditórias dos dois historiadores, Vania Pinheiro Chaves, em antológico estudo sobre o poema épico basiliano, *O Uruguai e a fundação da literatura brasileira*, chama a atenção para o que ela denomina “ciclo narrativo de Sepé”,¹⁰ em que se observa a presença do

6 SILVA, João Pinto da. *História literária do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1924, p. 35.

7 Ibid., p. 35.

8 Ibid., p. 36 (grifo do autor).

9 VELLINHO, Moysés. *Letras da província*. Porto Alegre: Globo, 1960, p. 60.

10 CHAVES, Vania Pinheiro. *O Uruguai e a fundação da literatura brasileira*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, p. 366.

indígena, como personagem, em significativo número de obras literárias sul-rio-grandenses. Vania Chaves, em outro livro, *O despertar do gênio brasileiro: Uma leitura de O Uruguai de José Basílio da Gama*, designa Sepé (ou Cepé, como prefere grafar) e Cacambo como “o mais destacado duo de valentes que cristalizam as virtudes guerreiras dos ameríndios”.¹¹ Se ambos detêm missão e posição social semelhantes, Sepé distingue-se de Cacambo pela atitude que toma frente à invasão europeia. Para o primeiro, a guerra é a única solução contra os inimigos, decisão que encarna, ainda segundo Vania Chaves, “a valentia intempestiva de heróis do tipo de Aquiles”,¹² fazendo, assim, uma aproximação direta do herói ameríndio com o clássico grego.

Frente às autoridades luso-espanholas, Sepé expõe, com sua eloquência, o ponto de vista dos nativos relativamente à posse das terras junto ao Rio Uruguai e também sobre a conquista europeia na América, num longo e veemente discurso. Assim Basílio da Gama mimetiza a fala de Sepé, em nome de seu povo, no Canto segundo:

– Cacambo

Fez mais do que devia; e todos sabem
Que estas terras que pisas o Céu livres
Deu aos nossos avós; nós também livres
As recebemos dos antepassados.
Livres as hão de herdar os nossos filhos.
Desconhecemos, detestamos jugo
Que não seja o do Céu, por mão dos Padres.¹³

A imagem de Sepé apresenta-se como positiva, no poema, não só porque Basílio a ele se refere com expressões como “Tape ativo, “grande Sepé”, “Sepé valente”,¹⁴ como também valoriza suas ações e sua valentia. O destemor de Sepé fica evidente quando enfrenta o governador de Montevideú e incita Cacambo para uma investida no acampamento inimigo. Mesmo depois de morto, essa condição não o impede de voltar à luta, na forma de um fantasma.

11 Id. *O despertar do gênio brasileiro: Uma leitura de O Uruguai de José Basílio da Gama*. Campinas: Editora da Unicamp, 2000, p. 151.

12 Ibid., p. 152.

13 GAMA, Basílio da. *O Uruguai*, op. cit., p. 270.

14 Ibid., p. 275 e p. 279.

As qualidades na representação de Sepé, o denodo e a força com que enfrenta as adversidades e a aparição espectral, no poema de Basílio, contribuem para imprimir ao personagem uma aura heroica, necessária para o surgimento do mito, de acordo com as palavras de Mircea Eliade:

A função mais importante do mito é, pois, a de “fixar” os modelos exemplares de todos os ritos e de toda as actividades humanas significativas: alimentação, sexualidade, trabalho, educação etc. Comportando-se como ser humano plenamente responsável, o homem imita os gestos exemplares dos Deuses, repete as acções deles, quer se trate de uma simples função fisiológica como a alimentação, quer de uma actividade social, económica, cultural, militar etc.¹⁵

A partir do poema épico de Basílio da Gama, desenvolveu-se um interesse por um personagem particular do texto, o indígena Sepé, que se presentificou na história literária rio-grandense por meio das vozes de João Simões Lopes Neto, Manoelito de Ornellas, Erico Verissimo, Fernandes Barbosa e Alcy Cheuiche.¹⁶ Afora esses, Sepé figurou como matéria literária em vários poemas de menor extensão,¹⁷ romances,¹⁸ peças de teatro,¹⁹ histórias em quadrinhos,²⁰ letras de música²¹ e textos que são um misto de narrativa literária com relato histórico,²² o que atesta a vitalidade do mito do “primeiro caudilho rio-grandense”²³ na paisagem cultural do Rio Grande do Sul e do Brasil.

15 ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: A essência das religiões*. Trad. de Rogério Fernandes. Lisboa: Livros do Brasil, s.d., p. 110.

16 Fatos históricos e fontes literárias em torno de Sepé estão resumidos no verbete “Sepé Tiaraju” em NUNES, Zeno Cardoso; NUNES, Rui Cardoso. *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul*. (Porto Alegre: Martins Livreiro, 2010), pp. 450-60.

17 PRITSCH, Eliana Inge. *As vidas de Sepé*, op. cit. 4 v.; e RAMIREZ, Hugo (Coord.). *Iconografia poética do índio no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Comissão Executiva de Homenagem ao Índio, s.d.

18 RUAS, Tabajara. *O amor de Pedro por João* (Porto Alegre: Leitura XXI, 2015). Há, no romance, um personagem nomeado Sepé, em alusão à figura histórica. A primeira edição do romance é de 1982.

19 AMARAL, Anselmo. *Sepé Tiaraju*. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Estado, 1975; e VIEIRA, César. *Morte aos brancos: A lenda de Sepé Tiaraju*. Porto Alegre: Tchê, 1987.

20 CHEUICHE, Alcy. *Sepé Tiaraju: História das Ruínas de São Miguel*. Il. de José Carlos Melgar (Porto Alegre: Martins Livreiro, 1994) – trata-se de uma versão em quadrinhos do romance de Cheuiche; e GATTO, Luiz. *Sepé Tiaraju: O índio, o homem, o herói*. Il. de Plínio Quartim (Brasília: Câmara dos Deputados; Edições Câmara, 2010).

21 Em “América Latina”, composta por Francisco Alves e Humberto Zanatta, e conhecida na interpretação de Dante Ramon Ledesma, há o seguinte trecho: “E o grito do Sepé na voz do povo/ Vai nos lembrar que esta terra ainda tem dono”.

22 JUNG, Roberto Rossi. *Esta terra tem dono, esta terra é nossa: A saga do índio missioneiro Sepé Tiaraju*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2005; e RUBIRA, Luís. *Sepé Tiaraju e a Guerra Guaranítica*. São Paulo: Instituto Callis, 2012.

23 Cf. ORNELLAS, Manoelito de. *Tiaraju*, op. cit., p. 18; e BERNARDI, Mansueto. *O primeiro caudilho rio-grandense: Fisionomia do herói missioneiro Sepé Tiaraju*. Porto Alegre: Globo, 1957, p. 15.

A primeira referência ao indígena Sepé encontra-se nos Documentos sobre o Tratado de 1750. Nesses registros, o padre Balda, cura de São Lourenço, dirige-se, por carta, ao padre Tadeu Xavier Henis, em 1753, mencionando um certo “Capitan Sepé”, ou “Capitan Josef”, que estaria já participando da luta contra os invasores. Num outro documento, sob número 136, Sepé aparece como “Maestre de Campo del Pueblo de San Miguel”²⁴ e, posteriormente, o indígena Caracará, em seu depoimento, refere-se ao “Alferez Mayor de San Miguel llamado José Tiarayió”.²⁵ O padre Tadeu, em seu Diário, assim se refere ao indígena missioneiro: “Joseph, celebre Capitan de los de San Miguel, que entonces mandaba la artilleria, que sabia pronunciar algunas voces de la lengua española y que era conocido de uno de los portugueses por haber ido poco antes á los límites de los portugueses con los medidores de tierras...”.²⁶

De fato, Sepé era apenas um “capitão”, subordinado ao comando de Neenguiru (ou Nhenguiru, ou Languiru), que assomou ao terreno do lendário passada a refrega de Caiboaté, em 1756. Tanto é assim que, anos depois, Francisco João Róscio e José de Saldanha apontam para a existência de um Rio São Sepé, nas proximidades do Rio Vacacaí²⁷ – o José Tiaraiú, denominado Sepé, transformou-se no santo da tradição popular.

É deste substrato que João Simões Lopes Neto, mais tarde, recolheu em *Lendas do Sul* (1913), na seção “Argumentos de outras lendas missioneiras e do Centro e Norte do Brasil”, o poema “O lunar de Sepé”. Em 1902, nas proximidades do Rio Camaquã, entre os municípios de Canguçu e Encruzilhada do Sul, no Rio Grande do Sul, Simões Lopes tomou conhecimento da melopeia “O lunar de Sepé”, recitada por uma velha mestiça, Maria Genória Alves:

Do sangue dum grão-Cacique
Nasceu um dia um menino,
Trazendo um lunar na testa,
Que era bem pequenino:
Mas era um – cruzeiro – feito

²⁴ MEYER, Augusto. *Prosa dos pagos: 1941-1959*. Porto Alegre: IEL; CORAG, 2002, p. 184.

²⁵ *Ibid.*, p. 184.

²⁶ *Ibid.*, p. 184.

²⁷ Cf. *ibid.*, p. 183.

Como um emblema divino!...
E aprendeu as letras feitas
Pelos padres, na escritura;
E tinha por penitência,
Que a sua própria figura
De dia, era igual às outras...
E diferente, em noite escura!...

Diferente em noite escura,
Pelo lunar do seu rosto,
Que se tornava visível
Apenas o sol era posto;
Assim era – Tiaraiú –,
Chamado – Sepé, – por gosto.²⁸

O menino, que nasce aureolado por um lunar, parece indicar um eleito ou predestinado, escolhido pela mão divina:

Cresceu em sabedoria
E mando dos povos seus;
Os padres o instruíram,
Para o serviço de Deus,
E conhecer a defesa
Contra os males dos ateus...

Era moço e vigoroso,
E mui valente guerreiro:
Sabia mandar manobras
Ou no campo ou no terreiro;
E na cruzada dos perigos
Sempre andava de primeiro.²⁹

Há um tom elogioso na construção do personagem, com destaque para sua habilidade nas escaramuças e para o ataque, habilidades que o transformam em um indígena artilheiro e audaz. Embora a história

²⁸ LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos e Lendas do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1957, p. 349.

²⁹ *Ibid.*, p. 350.

dê conta de uma figura cheia de predicados e destinada, desde cedo, a exercer um papel mítico na conformação do ideário rio-grandense, o indígena tomara feições idealizadas a partir de sua morte, ocorrida em circunstâncias de grande confronto. Sepé sucumbe heroicamente nas mãos de um adversário poderoso, mas a morte não o afasta da ação:

A dor entrava nas carnes...,
Na alma, a negra tristeza,
Dos guerreiros de Tiaraiú,
Que pelejavam defesa,
Porque o lunar divino
Mandava aquela proeza...
[...]
E, subindo para as nuvens,
Mandou aos povos – bênção!
Que mandava o Deus-Senhor
Por meio do seu clarão...
E o – lunar – de sua testa
Tomou no céu posição...³⁰

Ao final do poema, dada a morte e a subsequente transfiguração de Sepé, afirma-se o caráter místico do herói: “Sepé Tiaraiú ficou santo/ Amém! Amém! Amém!...”³¹

Augusto Meyer, em *Prosa dos pagos*, quando avalia o poema popular, é de opinião que foi a necessidade de compensar a matança dos povos indígenas que determinou a criação do texto. A lenda funciona, então, como compensação e consolo às atrocidades cometidas na guerra. Diz mais: do teatro da transmigração nasceu uma espécie de “resposta apologética”³² ao texto de Basílio.

Manoelito de Ornellas retoma o mito de Sepé, décadas depois do poema recolhido por Simões Lopes Neto, em 1945, agora em prosa, no romance *Tiaraju*, publicado pela Editora Globo, com ilustrações de Edgar Koetz. A orelha do volume, no entanto, problematiza essa classificação romanesca, ao apontar ser a obra “um admirável e emocionante poema em prosa sobre o lendário cacique das Missões”.³³

³⁰ Ibid., pp. 352-3.

³¹ Ibid., p. 353.

³² MEYER, Augusto. *Prosa dos pagos: 1941-1959*, op. cit., p. 175.

³³ ORNELLAS, Manoelito de. *Tiaraju*, op. cit., orelha.

Sem levar em conta a questão do gênero, se poético ou narrativo, deve-se anotar o fato de o título do livro não trazer o primeiro nome do indígena, “Sepé”, já consagrado em Basílio e Simões, mas o segundo, “Tiaraju”. Talvez isso se tenha dado porque Manoelito procurou dar nova dimensão à figura que, embora histórica, começa, com a passagem dos anos, a entrar para o terreno do mítico.

Não à toa, essa ambivalência marca o romance desde a sua introdução, intitulada “Pórtico”, em que se faz uma pequena história das Missões. No fim, um trecho mostra a oscilação entre o factual e o ficcional do relato:

Foi Sepé o primeiro caudilho rio-grandense. Morreu na batalha de Caiboaté, na primeira refrega, na tarde de 7 de fevereiro de 1756. Sepultaram-no à margem de um rio que, como a terra, se chamou, depois, São Sepé. Porque a imaginação popular canonizou o índio, a quem emprestou um fulgor de santidade. Foi assim que o herói nativo entrou para a Lenda e para a História.

A verdade foi respeitada nestas páginas. Apenas o romance a imaginação preencheu.³⁴

Além do prefácio, a realidade invade o livro por meio das epígrafes de cada um dos vinte capítulos, que aludem a textos de cunho memorialístico ou histórico, como as de cônego João Pedro Gay, Nicolau Dreys, Aurélio Porto e padre Antônio Sepp. Entretanto, o que salta aos olhos é o jogo duplo estabelecido pelo narrador, que fantasia a partir da história. O que interessa, assim, é a reconstituição da vida de Sepé Tiaraju, entronizando-o como uma personagem máscula e bravia, que não se rebaixa frente às autoridades que querem impor uma nova configuração geográfica aos Guaranis, que não aceitam sair da terra na qual vivem há séculos. Deste contexto é que emerge a famosa exclamação, “estas terras são minhas e de meus irmãos”,³⁵ dita em presença de Gomes Freire de Andrade, irritado pela suposta insolência do indígena; essa frase se tornará, com pequenas mudanças de um texto para o outro, uma das marcas de Sepé.

Neste sentido, algumas cenas são importantes para mostrar a valentia e o destemor do indígena, como a do capítulo 8, quando Sepé foge nu,

³⁴ Ibid., p. 18 (grifos nossos).

³⁵ Ibid., p. 70.

montado em um cavalo sem sela, do Forte de Jesus, Maria e José, em Rio Pardo, onde fora preso depois do colóquio com Gomes Freire, ou a do capítulo 15, quando finalmente as Coroas ibéricas marcham em direção às Missões, para expulsar de lá, de qualquer forma, os Guaranis e os jesuítas, momento em que se narra a morte do indígena, que aparece dotado de dons extranaturais e que é atingido, como não poderia deixar de ser, à traição: “Sepé luta como um ser sobrenatural. Mas chega-lhe, pelas costas, um dragão português, que lhe joga um golpe profundo, de lança. [...] o sangue lhe escorre aos borbotões pela ferida, empapando o chão que ele defende”.³⁶

Na sequência do primeiro ferimento, o governador de Montevideú, José Joaquim Viana, “despeja sua pistola sobre o corpo já quase inerte de Sepé”,³⁷ para o pavor dos indígenas, que, sem o seu líder, fogem desordenadamente. Os registros históricos apontam que, três dias depois, em 10 de fevereiro de 1756, dá-se o golpe de misericórdia nas guarnições indígenas, quando, na Batalha de Caiboaté, 3,2 mil homens, pelo lado dos exércitos europeus, munidos de canhões e cavalos, dizimam cerca de 1,3 mil dos 1,8 mil indígenas, armados somente com arcos e flechas. Cabe atentar para a inutilidade de tal confronto: em 1761, apenas cinco anos depois do massacre, portanto, o Tratado de Madrid é revogado.³⁸

A morte de Sepé é o fim do empreendimento jesuítico no Rio Grande do Sul: “Estavam abertas as portas dos Sete Povos das Missões. A resistência fora vencida”.³⁹ O capítulo 18 emula o começo de *O Uruguai*, em que se descrevem a invasão e a aniquilação das Missões, em contraste com as festas descritas nos capítulos iniciais do romance de Manoelito. Frente a tanta destruição, o único consolo é que Sepé “morreu como herói e como um santo”,⁴⁰ ou seja, faz o percurso típico dos mártires, que saem da vida para entrarem no terreno da lenda, o que se confirma com o relato do padre Balda a Jussara, do que ocorreu na fatídica batalha: “Sepé, ó linda filha de Tujá, subiu aos céus, num cavalo de fogo, e, ele mesmo, voltou ao combate de Caiboaté, coroadada sua cabeça por um arco de luz, lutando de novo, certamente para de novo morrer com seus irmãos...”.⁴¹

³⁶ Ibid., p. 121.

³⁷ Ibid., p. 121.

³⁸ Cf. JUNG, Roberto Rossi. *Esta terra tem dono, esta terra é nossa: A saga do índio missioneiro Sepé Tiaraju*, op. cit., pp. 7-9.

³⁹ ORNELLAS, Manoelito de. *Tiaraju*, op. cit., p. 134.

⁴⁰ Ibid., p. 138.

⁴¹ Ibid., p. 138.

Por outro lado, para mostrar o lado humano de Sepé, e não só o heroico, Manoelito dá vida à namorada do guerreiro, Jussara, que aguarda ansiosa o desfecho da guerra com o intuito de poder se casar. Curiosa é a descrição de Jussara, que lembra outra personagem indígena importante da literatura nacional, a Iracema de Alencar: “Seu corpo [o de Jussara] é flexível como os sarandis verdes que crescem nas orlas do grande rio. Seu canto é mais doce e terno do que o canto do sabiá e seu riso alegre a alegria dos pássaros”.⁴²

Mais um aspecto relevante é a mudança da perspectiva em relação ao modo como os jesuítas eram vistos. Em Basílio, dois séculos antes, os padres católicos eram figurados como vilões; um exemplo é o padre Balda, pintado maquiavelmente no poema épico. Já em Manoelito, há uma mudança drástica nessa visão, com a demonstração da bondade, da paciência e da espiritualidade dos membros da Companhia de Jesus. Assim, o antes malvisto Balda transforma-se no cura ponderado e amado por todos, tanto que é por meio de sua voz, em uma prédica aos indígenas, reproduzida no capítulo 2, que ficamos sabendo, primeiro, das realizações dos jesuítas, que desde 1619 “ousaram penetrar o mistério das vossas matas”,⁴³ e depois dá uma primeira notícia da assinatura do Tratado de Madrid, o que traz “uma sombra de angústia em todas as almas...”.⁴⁴

De certa forma, essa visão positiva encontra guarida no livro clássico do suíço Clovis Lugon, publicado inicialmente em francês, em 1949, *A República “comunista” cristã dos Guaranis*, quatro anos depois de Tiaraju. Lugon, ele mesmo um padre jesuíta, cristaliza uma visão edênica das Missões, as quais teriam sido esquecidas porque “a República Guarani era, sem dúvida, comunista demais para os cristãos burgueses e cristã demais para os comunistas da época burguesa”.⁴⁵

CONSOLIDAÇÃO DO MITO: ERICO VERISSIMO

Se bem que os textos de Lopes Neto e Manoelito já explorem atributos que contribuirão para a configuração do mito Sepé Tiaraju, é no episódio intitulado “A fonte”, de *O Continente* (1949), primeiro volume de *O*

42 Ibid., p. 43.

43 Ibid., p. 29.

44 Ibid., p. 32.

45 LUGON, Clovis. *A República “comunista” cristã dos Guaranis: 1610-1768*. Trad. de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977, p. 5.

tempo e o vento, de Erico Verissimo, que os elementos do mito tomam contornos mais definidos. Nesse episódio, começa a ação do romance: Erico abre a trilogia no ano de 1745, numa madrugada de abril, nos Sete Povos das Missões. Nessa noite, padre Alonzo, um dos representantes da Companhia de Jesus, acorda assustado com o mesmo sonho que há muito tempo o perturba: na Espanha, de onde veio, ele tivera intenções de matar um homem, esposo da mulher de quem era amante, mas a morte súbita do rival, o livrou de cometer um pecado mortal. Esse fato, que ainda o perturba, foi responsável pelo seu encaminhamento à vida religiosa. Enquanto pensa sobre esses acontecimentos do passado, é chamado para socorrer uma forasteira que tivera um menino e está morrendo de hemorragia. Nessa noite, nasceu Pedro Missioneiro, que formará, mais tarde, com Ana Terra, o casal primordial de *O tempo e o vento*.

“A fonte”, parte composta por nove capítulos, remonta ao século XVII e transcorre na redução jesuítica de São Miguel, onde padres e indígenas vivem em uma comunidade de paz e beatitude. Segundo escreve Alonzo aos seus superiores,

os índios das reduções vivem hoje mais cristãmente que muitos brancos de Pamplona, Madri ou Lisboa. Estão já redimidos do feio pecado da promiscuidade, pois todos se casam de acordo com as leis da Igreja e guardam o sexto mandamento; temem a Deus, são batizados e fazem batizar os filhos; no leito de morte nunca deixam de receber o Viático; e quando morrem são encomendados e finalmente enterrados em campo-santo.⁴⁶

Esse paraíso construído na América do Sul é ameaçado pelo Tratado de Madrid, de 1750, que exige que os espanhóis entreguem os Sete Povos aos portugueses, em troca da Colônia do Sacramento, ao sul do continente, e retirem-se com os indígenas e todos os seus bens para o outro lado do Rio Uruguai. Frente a tal destino, os indígenas relegam o comportamento pacífico e deixam aflorar seus sentimentos de rancor à Coroa portuguesa, preparando-se para a guerra e o enfrentamento para garantir sua permanência no território guarani. Com armas nas mãos, os indígenas já haviam impedido a primeira incursão para tomada das

46 VERISSIMO, Erico. “Parte I: O continente”. In: _____. *O tempo e o vento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 56.

terras de São Miguel. Esses gestos levam padre Alonzo a constatar que as atitudes pacifistas dos indígenas “não passavam de um tênue verniz que agora se quebrava para mostrar a natureza verdadeira daquela gente”.⁴⁷ À frente desses rebeldes, encontrava-se o corregedor Sepé Tiaraju, que, com liderança e firmeza, gritara aos demarcadores que os portugueses “jamais poriam os pés naqueles campos”.⁴⁸ A guerra era, pois, iminente.

Pedro, o menino criado pelo padre Alonzo, é possuído por uma sensibilidade especial, que o faz ter premonições e visões. Todos os dias, ele vê Nossa Senhora vestida de azul e branco, e envolta por um perfume que ele identifica como de “Rosa Mística”. O garoto acompanha a movimentação em direção ao conflito entre sua gente e os exércitos europeus, e tem para Sepé um olhar especial. No dia do enfrentamento, Sepé procura o padre Alonzo, antes de sair para a batalha. Pedro assiste à cena de despedida, dizendo ao padre, quando Sepé monta a cavalo e desaparece com seus homens: “O capitão Sepé não volta mais”.⁴⁹ Desolado com a notícia, Alonzo repreende o menino, mas esse confirma: “O capitão Sepé vai morrer”.⁵⁰

A recuperação desses momentos da narrativa torna-se significativa para a compreensão do lugar de Sepé, que seria apenas mais um guerreiro indígena, participante dos fatos históricos que dizem respeito à Guerra Guaranítica. Assim, para padre Alonzo, Sepé é apenas um chefe sábio, justo e capaz, mas, para Pedro, o indígena toma outra envergadura, tornando-se uma figura aureolada e mítica.

Em suas reflexões, Alonzo delineava a personalidade do chefe indígena: era um homem de “rígida postura marcial, parco de palavras e gestos”,⁵¹ não tinha vocação para as artes, sabia ler e escrever, tinha habilidade para a mecânica e domava um potro como ninguém. Além disso, suas sentenças sobre os problemas jurídicos eram equilibradas e justas, embora o padre notasse nelas uma ponta de ironia, o que o distinguia daquela gente considerada bárbara pelos brancos. Como começara a lenda, perguntava-se ele? Desconfiava que fora Pedro o responsável por algumas histórias e que como uma bola de neve “através do espaço e do tempo fora engrossando até tomar as proporções duma

47 Ibid, p. 79.

48 Ibid, p. 78.

49 Ibid., p. 80.

50 Ibid., p. 80.

51 Ibid., p. 82.

avalancha”.⁵² Havia o episódio da espada com fogo que Sepé mostrara aos espanhóis, havia o encontro com Gomes Freire em que o indígena enfrentara o português com galhardia e coragem, havia os ardis de Sepé para dizimar o inimigo.

Pedro tinha visões com o indígena e as narrativas dos que viam Sepé na batalha coincidiam com os relatos visionários. Quando Sepé voltava à missão, todos os queriam tocar, beijar suas vestes e suas mãos. Numa noite, Alonzo encontrou Pedro quase em estado de transe: “O menino tinha nas mãos alguma coisa que brilhava à luz do luar – o punhal – e murmurava palavras que Alonzo não conseguia compreender”.⁵³ Depois de algum tempo, Alonzo o traz à realidade e Pedro diz que está conversando com o indígena. Sepé tinha morrido, diz o garoto: “O alferes foi derrubado por um golpe de lança. Vi quando ele quis erguer-se e um homem... um general... de cima do cavalo varou-lhe o peito com uma bala”.⁵⁴ Ao que acrescenta: “A alma de Sepé subir ao céu e virou uma estrela”⁵⁵ e “Deus botou também na testa da noite um lunar como o de São Sepé”.⁵⁶

Ao término de “A fonte”, o mito está devidamente consolidado. Nele, ressaltam os elementos que, com o tempo, ficam assegurados como integrantes da aura mítica de Sepé Tiaraju: a subida aos céus, após a morte, o surgimento do lunar como elementos distintivo, a identificação Sepé/São Sepé. Se bem que todo o episódio de “A fonte” transcorra em um ambiente favorável ao surgimento do mito – o padre Alonzo, quando descreve a redução, lhe concede ares paradisíacos –, no final do texto prevalecem os elementos sagrados sobre os profanos. A retirada final de Pedro da cena dos acontecimentos é também sintomática dessa situação, pois estava cumprida a missão de conformar a figura lendária. O narrador concede ao menino a palavra para que ele “crie” o tipo e, posteriormente, o mito. A escolha de Erico é significativa, pois é um ser também aureolado – Pedro possui poderes especiais – que constrói e sustenta o mito. Essa estratégia narrativa, absolutamente verossímil, torna o texto indiscutível em relação à origem constituída.

Por outro lado, mas sem querer entrar na análise de Pedro para a criação de O tempo e vento, é também significativo pensar que é esse

⁵² Ibid., p. 82.

⁵³ Ibid., p. 86.

⁵⁴ Ibid., p. 87.

⁵⁵ Ibid., p. 87.

⁵⁶ Ibid., p. 87.

mesmo personagem a quem competirá o papel de fundador da família original do romance, pois ele partirá de São Miguel e encontrará Ana Terra, dando origem assim à estirpe sobre a qual se desenvolve a trilogia de Erico Verissimo. Entende-se que o mito é necessário para entender as origens e dar conta daquele tempo primordial que, isento de história, sustenta as narrativas fundacionais.

RESSIGNIFICAÇÃO DO MITO: FERNANDES BARBOSA E ALCY CHEUICHE

Depois do aspecto místico e mítico de Sepé estar estabelecido, alguns anos se passaram para que o personagem voltasse à literatura. Antes da ficção, no entanto, em 1955, houve a polêmica em torno da proposta de se fazer um monumento em homenagem ao bicentenário da morte de Sepé, o que foi negado pela Comissão de História e Geografia do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRS), presidida por Moysés Vellinho, o qual “desaconselha e desautoriza o culto popular a Sepé, visto não ser o mesmo nem rio-grandense e não passar, no fundo, de um indígena espanhol, a serviço dos espanhóis, inimigo, portanto, do Brasil e dos Brasileiros”.⁵⁷

Assim, se na esfera literária o personagem já tinha alcançado certo status, no campo histórico isso se dá apenas no último quartel do século XX e no começo do XXI. Não à toa, os dois textos seguintes que trazem o indígena mesclam uma carga histórica à ficção: o poema épico Sepé, o morubixaba rebelde, de Fernandes Barbosa, datado de 1964⁵⁸, e a narrativa Sepé Tiaraju: romance dos Sete Povos das Missões, de Alcy Cheuiche, de 1975.

Barbosa, em um dos três prefácios da obra,⁵⁹ aponta que não se importou de voluntariamente dar “certa predominância da história sobre a poesia”;⁶⁰ neste sentido, realmente, o livro está repleto de notas de cunho histórico, que embora sejam esclarecedores, tiram, por vezes, o ritmo da leitura. Já Cheuiche equilibra-se entre o

⁵⁷ BERNARDI, Mansueto. *O primeiro caudilho rio-grandense: Fisionomia do herói missioneiro Sepé Tiaraju*, (op. cit.), pp. 41-2. Sobre essa polêmica, ver o livro de Bernardi, além de PRITSCH, Eliana Inge. *As vidas de Sepé* (op. cit.). 2 v.

⁵⁸ Embora a edição não traga data, utilizamos o ano de 1964 a partir de fonte fidedigna nos estudos literários sulinos: “O livro [de Fernandes Barbosa] não traz data, determinamo-la por estarmos certos da data de sua impressão e lançamento”. VILLAS-BÔAS, Pedro. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense: Autores* (Porto Alegre: A Nação; IEL, 1974), p. 48.

⁵⁹ Os outros dois são assinados por Manoelito de Ornellas e Walter Spalding.

⁶⁰ BARBOSA, Fernandes. *Sepé, o morubixaba rebelde* (Porto Alegre: Tipografia Santo Antônio Pão dos Pobres, [1964]), p. 7. Sobre o título, “morubixaba” é sinônimo para “cacique”.

romance histórico clássico e aquele que já traz novas concepções (surgidas com Alejo Carpentier em 1949, com a publicação de *El reino de este mundo*),⁶¹ como de resto Manoelito e Erico, romancistas fixados no período criollista, na definição de Seymour Menton, ou seja, que buscam a identidade nacional com ênfase nos problemas contemporâneos, como a luta entre a civilização e a barbárie, a exploração do homem pelo homem, o racismo,⁶² sendo essas características observadas nos livros aludidos.

Em Fernandes Barbosa, acentua-se a rebeldia frente à “prepotência solta dos mandões”,⁶³ repetindo-se cenas clássicas das outras versões, como a conversa ativa e insubmissa com Gomes Freire, em que surge o bordão, “esta terra tem dono”, em uma postura crítica em relação ao suposto sopro civilizatório que acompanharia a chegada dos europeus no terreno “selvagem” e “bárbaro” do Novo Mundo. É neste sentido que se caracteriza o elogio às Missões e à obra dos jesuítas com os indígenas, como se dá em Manoelito. E aqui, como em Tiaraju, padre Balda surge como figura positiva, sem a vilania apresentada em Basílio.

No contexto histórico da publicação do poema, em 1964, momento inicial da ditadura que perduraria por 21 anos no Brasil, até 1985, são observados versos que ganham sentido de crítica não só ao passado, mas servem de alegoria à situação do país à época, dominado pelos militares e exposto ao capital estrangeiro, interessado na exploração das riquezas naturais das Américas e do lucro daí advindo:

Queriam ver teus pulsos algemados,
Para melhor sanguessugar a América.⁶⁴

Teu valor de Caudilho nacional,
Que comandando os cabras desta terra,
Sabe enfrentar milicos numa guerra.⁶⁵

⁶¹ Por exemplo, a distorção consciente da história e a ficcionalização de personagens históricas. Cf. MENTON, Seymour. *La nueva novela histórica de la América Latina: 1979-1992*. (México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1993), pp. 42-6.

⁶² Cf. *ibid.*, p. 37-8.

⁶³ BARBOSA, Fernandes. *Sepé, o morubixaba rebelde*, op. cit., p. 41.

⁶⁴ *Ibid.*, p. 17.

⁶⁵ *Ibid.*, p. 57.

A linguagem despojada, vinculada por vezes ao panfletário, discurso atinente com a época da publicação, alcança seu auge em um elemento extratextual, em rodapé ao soneto que se segue ao final do texto. Na nota, Basílio é menosprezado por meio de um termo vinculado ao vocabulário sindicalista, usado para aqueles que traem os trabalhadores:

José Basílio da Gama, poeta mineiro, e primeiro pelego nacional, desejando favores da Corte, através do ministro Sebastião José de Carvalho, escreveu o poema O Uruguai (sic), enaltecendo Gomes Freire e José Joaquim Viana, falseando, subalternamente, a verdade histórica, em detrimento de Sepé Tiaraju.⁶⁶

Cabe dizer, ainda, que Barbosa, estruturalmente, dialoga com as obras que o antecederam: utiliza a forma épica e aloca um soneto ao fim do poema, expedientes de Basílio; usa a sextilha, como faz Simões Lopes Neto; resgata o mesmo título, “Pórtico”, do prefácio do livro de Manoelito de Ornelas, autor que, aliás, assina o texto, subscrevendo essa nova versão do mito de Sepé: “Em grande parte, meu Tiaraju encontra, neste poema, a transposição poética, que lhe dá maior beleza e música”.⁶⁷

Alcy Cheuiche, por sua vez, igualmente registra laços intertextuais com as obras que o antecederam, em especial na delimitação do caráter do indígena e na tentativa de desconstituir a visão dos padres jesuítas elaborada por Basílio. E em relação direta com a esquematização de Barbosa, Cheuiche dá visibilidade, por meio de Sepé, às pessoas que não têm voz, na constituição de um novo enquadramento ao mito, agora mais social. A sua dedicatória é bastante eloquente desse novo Sepé que, mais do que regional ou nacional, ganha ares de representante e paladino das injustiças planetárias: “Dedico este livro a todas as minorias raciais que nesta e noutras regiões do globo lutam por sua dignidade e sobrevivência”.⁶⁸

O romance é narrado por Michael, holandês que foge de casa na adolescência; depois de muitas aventuras como marinheiro, chega na América do Sul, onde se converte em padre jesuíta, adaptando o seu nome para padre Miguel, tornando-se uma espécie de preceptor

⁶⁶ Ibid, p. 83 (grifo nosso).

⁶⁷ ORNELLAS, Manoelito de. Pórtico. In: BARBOSA, Fernandes. *Sepé, o morubixaba rebelde*, op. cit., p. 4.

⁶⁸ CHEUICHE, Alcy. *Sepé Tiaraju: Romance dos Sete Povos das Missões*. Porto Alegre: AGE, 2004, p. 5.

do menino Sepé, que ainda criança fica órfão. Por meio desse enquadramento narrativo, Cheuiche articula os fatos históricos com a ficção, como já feito por Manoelito e Erico. Na narração do padre holandês, mesclam-se aventuras fantásticas vividas no mar (por exemplo, ele está na embarcação que descobre a Ilha de Páscoa) e elementos resgatados de outras versões do mito, como o lunar: “– Olhe, Pe. Miguel! Ele [Sepé] tem um raio de lua na testa”;⁶⁹ a relação de carinho e admiração entre os jesuítas e os indígenas; o elogio do empreendimento missionário; o domínio verbal de Sepé frente aos comandantes das forças portuguesas e espanholas; a coragem do indígena; a sua morte.

O aspecto da luta desigual, dos mais fracos contra os poderosos e os seus desmandos, fica claro no romance, que mostra as idas e as vindas das instâncias decisórias. Os monarcas e governantes, em seus gabinetes distantes, decidem o futuro dos indígenas sul-americanos, sem se importarem com opiniões contrárias: “O destino das Missões Orientais era jogado nos salões da Europa. Gomes Freire, Valdelírios, Sepé, Nhenguiru e todos nós missionários nada mais éramos do que peças manipuladas no tabuleiro das Cortes”.⁷⁰

O trecho final do posfácio do livro, assinado pelo próprio Alcy Cheiuche, marca essa nova configuração de Sepé, representante da opressão em todo o mundo e pertencente a uma estirpe de figuras latino-americanas que não se submeteram ao poderio das armas dos colonizadores:

Sepé Tiaraju, mais de duzentos anos depois de sua morte, é reconhecido pela História Universal como símbolo da resistência guarani, não menos importante que Cuautemoc, o índio que comandou a resistência dos astecas.

Incorporado também à lenda e ao folclore do sul do Brasil, Sepé Tiaraju é constantemente lembrado como exemplo de amor à terra em que nasceu.⁷¹

O excerto também sepulta a polêmica em torno da construção, ou não, do monumento a Sepé, por ele não ser brasileiro. O indígena missionário, relegado pela comissão do IHGRS, volta com nova roupagem, mais

69 Ibid., p. 80.

70 Ibid., p. 171.

71 Ibid., p. 182.

ideológico e resgatando o viés socialista das Missões, conforme preconizado por Clovis Lugon. O Guarani solidifica-se como herói em âmbito regional; porém, mais do que isso, logra outras projeções, como se pode ver na expressão “Caudilho nacional”, de Barbosa; na inserção, via Projeto de Lei,⁷² no panteão brasileiro; e na dedicatória de Cheuiche, que busca uma visibilidade mundial.

Edifica-se um novo Sepé – herói nacional/global, popular e progressista, que se empenha por um mundo melhor e mais justo, lutando pelos desvalidos e desprezando os poderosos. No contexto de uma ditadura que intensifica no Brasil estratégias de coerção e censura, os livros de Barbosa e Cheuiche trazem Sepé para o contexto da atualidade, emparelhando cronologicamente o personagem de dois séculos atrás com as minorias em geral, que sofrem discriminação ou violência ao longo das décadas de 1960 e 1970 (e ainda hoje). Em suma, o Guarani passa a representar todo aquele que luta contra o status quo: se antes o confronto se estabelecia por causa da colonização europeia, hoje o conflito se dá a partir de novas demandas, em que o dissidente, o guerrilheiro, o operário e o sem-terra⁷³ – os novos Sepés – buscam constantemente meios de sobrevivência mais dignos, tentando suplantar as forças conservadoras da sociedade e os modos de produção capitalista.

ASSUNÇÃO E PERMANÊNCIA DO MITO

Como pôde ser visto, há claramente uma oscilação entre o histórico e o literário quando os escritores sul-rio-grandenses se aproximam de Sepé Tiaraju, numa preocupação de criar uma personagem ficcional que, no entanto, se apoie em dados históricos. Sandra Pesavento já alertava, nos passos de Eric Hobsbawn, Terence Ranger e Pierre Bourdieu, para as tradições inventadas, isto é, as diferentes representações que são produzidas em um campo de lutas, por meio de uma intensa negociação de valores, ideologias, saberes, identidades. Neste sentido,

⁷² Trata-se do Projeto de Lei n. 5.516/2005, do deputado federal gaúcho Marco Maia (PT), que propôs a inscrição do nome de Sepé Tiaraju no *Livro dos heróis da pátria*. Após aprovação na Câmara dos Deputados e no Senado Federal, a lei foi sancionada no dia 21 de setembro de 2009. A inserção do indígena no panteão, em uma proposta feita por um parlamentar de uma sigla alocada à esquerda no espectro político brasileiro, é um dos indícios da ideologização e nacionalização do mito.

⁷³ A figura de Sepé como síntese da resistência latino-americana às diversas formas de opressão e imperialismo pode ser encontrada no já citado romance *O amor de Pedro por João*, de Tabajara Ruas, cuja primeira edição é de 1982, ainda no contexto da ditadura militar brasileira. O personagem Sepé, de orientação revolucionária e envolvido com a luta democrática tanto no Brasil como no Chile, ressurgiu “nos tempos atuais como metáfora da luta pela liberdade”. Cf. CHAVES, Vania Pinheiro. *O Uruguai e a fundação da literatura brasileira*, op. cit., p. 374.

[...] as representações sobre o real não são obrigatoriamente o reflexo do real. Elas devem, isto sim, ser críveis, desejadas e aceitas, mas não precisam ser a cópia da realidade. Pode-se mesmo dizer que o imaginário social, enquanto representação, pode até mesmo ser considerado como uma invenção absoluta (algo criado e até contrário ao real) ou apresentar um desligamento de sentido.⁷⁴

Entre elementos que se mantêm inalterados na caracterização do indígena (lunar na testa, sobrenaturalidade, heroísmo, aquisição de letramento e cultura) e outros que ora aparecem, ora desaparecem (protagonismo na narrativa, presença de uma namorada), uma pergunta subjaz ao longo deste percurso: por que a permanência das representações de Sepé Tiaraju ao longo do século XX, depois do hiato desde a publicação, no século XVIII, d'O Uruguai, em romances, poemas, histórias em quadrinhos, relatos históricos e textos acadêmicos, em obras destinadas tanto ao público adulto como ao infanto-juvenil, por variados autores, entre os quais nomes canônicos da literatura sul-rio-grandense, como Simões Lopes Neto e Erico Verissimo?

Talvez a explicação resida no desgaste verificado na figura do gaúcho tradicional (o tropeiro), advinda em especial da precarização das condições de trabalho no campo e à incipiente industrialização e urbanização no Brasil, o que levou o peão a migrar para as zonas periféricas das cidades, entre o final do século XIX e o começo do XX, como tão bem tematizou Cyro Martins na sua Trilogia do Gaúcho a Pé. Assim, a literatura e a sociedade sulinas, em busca de novos heróis que fundamentassem a ideia de uma região que se diferenciava por possuir personagens de brio e caráter, fazem ressurgir Sepé, morubixaba valente e rebelde, alçado ao posto de protagonista de seu destino, embora o papel secundário atribuído a ele por Basílio da Gama, n'O Uruguai. O resto é história. Ou ficção.

MARIA EUNICE MOREIRA MARIA EUNICE MOREIRA é professora titular da Escola de Humanidades - Letras da PUCRS. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, membro do CLEPUL das Universidades de Lisboa e do GT História da Literatura da ANPOLL. Dedicou-se à

⁷⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy. A invenção da sociedade gaúcha. *Ensaio FEE*, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 384, 1993.

história da literatura brasileira, em especial, ao período de formação da historiografia literária, às relações literárias entre Brasil e Portugal no século XIX e à produção literária feminina no Rio Grande do Sul. Dentre outros livros, publicou *Histórias da Literatura: leituras contemporâneas*, org. com Amanda Oliveira e Fábio V. Nascimento [Porto Alegre: Luminara Editorial, 2017] e *Retratos de camafeu: biografias de escritoras sul-rio-grandenses*, Lisboa/ Porto Alegre: Cátedra Infante Dom Henrique/ Coleção Rio-Grandense, 2020].

MAURO NICOLA PÓVOAS é professor associado do Instituto de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Publicou *Uma história da literatura: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX* (Porto Alegre: Buqui, 2017) e *Periodismo e literatura no Rio Grande do Sul do século XIX* (Rio Grande: Edições Biblioteca Rio-Grandense, 2018), com Francisco das Neves Alves. É editor dos Cadernos Literários [FURG].